



Os Novos Citas Do Ciberespaço: *Critical Art Ensemble* – Arte, Crítica, Tecnologia E Ativismo Político¹

Luiz Gustavo Vidal Xavier² - UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O artigo aborda as estratégias do *Critical Art Ensemble* (CAE), grupo coletivo formado por 5 artistas de diversas áreas, e sua tentativa de explorar as interseções entre arte, tecnologia, ativismo político e teoria crítica. O CAE vê o contexto histórico atual como um tempo de liquescência, fluida, concentrado num campo de poder difuso e nômade. A resistência à presente condição social se dá nas mesmas estruturas de poder difuso – no ciberespaço. Para seus integrantes, alguns movimentos de arte eletrônica contemporânea possuem uma forte carga política e, por essa razão, se denominam como artistas ativistas. No entanto, o movimento possui algumas contradições que serão apresentadas no texto.

Palavras-chave

Poder Nômade – Resistência – Ciberespaço – Arte – Mídias Táticas

Os Novos Citas Do Ciberespaço: *Critical Art Ensemble* – Arte, Crítica, Tecnologia E Ativismo Político.

1 – Introdução:

No período das guerras persas, Heródoto relata a existência de uma sociedade agrícola nômade, cuja autonomia se dava em função do próprio movimento fluxo e desterritorializado que realizava. Eram os Citas, originalmente vindos da região setentrional do Mar Negro, uma área geograficamente inóspita, que impossibilitava o desenvolvimento de qualquer sistema econômico viável. Temidos pelos demais impérios localizados no “berço da civilização” e sem possuir um território fixo que pudesse ser atacado e colonizado, os Citas detinham um modelo de organização de poder que os permitiam estar sempre na ofensiva.

A ocupação dos espaços e territórios ia se dando de acordo com suas necessidades sem, no entanto, construir centros de poder ou infraestruturas que pudessem ser combatidas. Dessa forma, não sendo localizados, os Citas davam a

¹Trabalho apresentado ao NP 08 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Mestrando em Comunicação Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Linha de pesquisa: Tecnologia e Cultura - lgustavoxavier@gmail.com



impressão aos povos inimigos de estarem sempre presentes, na iminência de atacar, mesmo quando estavam ausentes. Essa invisibilidade possibilitou a construção de um império – não sustentável, obviamente, em razão de suas características nômades – que dominou parte da Ásia por vinte e sete anos. Assim eram os Citas: uma horda errante sempre pronta para a batalha.

A estratégia de ação dos Citas parece ser inspiradora para o grupo coletivo CAE – *Critical Art Ensemble* – formado por cinco artistas das mais diversas áreas como cinema, fotografia, arte eletrônica, teoria da arte e performance. Não há um centro localizável, um cérebro de comando que define as ações dos artistas ativistas do CAE. O movimento de contestação ao capitalismo contemporâneo ocorre em rede, numa estrutura difusa, sempre disposto a atacar os processos eletrônicos do poder quando menos se espera.

Criado nos Estados Unidos, em 1987, tem como proposta básica desenvolver um trabalho que faça convergir, no mesmo campo de ação, a arte, a crítica, a tecnologia e o ativismo político. O CAE entende que o modelo de distribuição do poder estruturado de forma fluida e rizomática foi reinventado pelo poder do capitalismo contemporâneo.

2 – Para onde o poder se deslocou?

Se na modernidade os sistemas de dominação e poder eram facilmente localizáveis e se estruturavam a partir de um lugar específico – a fábrica, a escola, o estado – hoje, o poder se encontra num campo mais difuso, de forma que não pode ser facilmente combatido. Para o CAE, já que as cidades, os espaços públicos, os centros urbano-industriais não se constitem mais no lugar do poder, deixam, também de ser o lugar onde se concentra a resistência.

Os integrantes do CAE têm a seguinte concepção: deve-se apropriar do poder onde o poder se encontra. Na medida que o capital saiu das ruas (“The streets are dead capital”)³; na medida que a organização das cidades está em crise e essas já não são mais úteis, ou tão úteis, na expansão do poder; na medida que não se tem o “que” nem “onde” subverter, pergunta-se: para onde o poder se deslocou?

O capital adquiriu uma forma abstrata num lugar abstrato. O filósofo italiano Antônio Negri, a partir da concepção deleuziana de sociedade de controle, corrobora

³ “As ruas são capital morto”, CF. *Critical Art Ensemble*. In <http://www.critical-art.net/books/ecd/ecd2.pdf>

com essa visão de que o poder assumiu uma nova forma de se instituir, uma nova lógica global, uma nova força que se impõe na contemporaneidade:

O poder agora é exercido mediante máquinas que organizam diretamente o cérebro (em sistemas de comunicação, redes de informação, etc.) e os corpos (em sistemas de bem-estar, atividades monitoradas, etc.) no objetivo de um estado de alienação independente do sentido da vida e do desejo de criatividade.⁴

Nesta perspectiva, o CAE compreende o processo de globalização, como sendo portador de um dinamismo cuja ação do capital ocorre de forma fluxa e desterritorializada, e é este poder – nômade - que governa, organiza, regula e modula todo o globo, hoje regido e regulamentado pelos ditames econômicos e pelo mercado financeiro. Portanto, para os integrantes do *Critical Art Ensemble*, a única forma de se perturbar o que eles entendem como um fluxo nômade do capitalismo é utilizar as mesmas ferramentas deste poder difuso. É uma aposta – um pouco questionável, como veremos mais adiante - no ciberespaço como a única esfera de ação política válida. A única resistência possível, na lógica do CAE, é a resistência eletrônica, que se daria no mesmo campo no qual atua o capital.

As estratégias utilizadas pelo CAE na resistência ao poder são influenciadas pelos movimentos de desobediência civil dos anos 60-70, cujas maiores características eram ações não violentas contra as instituições. Os atos de desobediência civil estavam voltados para reformas institucionais desde que não gerassem um colapso político. Eram aceitos como forma de resistência se abrissem espaço para negociações e se mantivessem moderados e tolerantes.

A desobediência civil, inspirada nos escritos anarquistas de Thoreau, propõe um posicionamento crítico perante o poder, mas ao mesmo tempo de forma pacífica. Numa entrevista concedida ao site rizoma.net, um dos fundadores do CAE, Ricardo Dominguez, entende como se deve aplicar a desobediência civil na contemporaneidade:

Para nós, o ciberespaço era uma utopia a ser conquistada. Sentíamos que a cultura do Ocidente estava em ruínas e talvez, se ocupássemos antes esse novo espaço, poderíamos ajudar a construir uma nova comunidade, não apenas local mas global. A sociedade hoje acredita e defende que produtos têm mais direitos que seres humanos. Isso está errado, e começamos a estudar como aplicar a desobediência civil dentro deste mundo para interferir no quadro do mundo real. No século 19 e em boa parte do século 20, o poder existia nas ruas, tudo se

⁴ Cf. HARDT, M. & NEGRI, A. Império. (2001) Pág. 42.

resumia a fazer ruas maiores para transportar mais produtos. O movimento de desobediência civil, nessa época, pregava exatamente o bloqueamento dessas ruas. Gandhi levava milhares de indianos para o centro das cidades para que todos se sentassem e com isso, interrompessem essa ordem. Queríamos fazer a mesma coisa mas no ciberespaço.⁵

Hoje, a estratégia é semelhante, mas por meio da desobediência civil eletrônica.⁶ Assim, para subverter a ordem vigente, deve-se apropriar da mesma estrutura nômade do poder. Nesse sentido, o *Critical Art Ensemble* acredita que um “stress financeiro”, o bloqueio de informações, o ataque às bases de pesquisa de uma grande empresa, ações antimarketing e o acesso desautorizado aos sistemas de computador são transgressões significativas. O confronto político no ciberespaço busca manter “dados, em vez de propriedades, como reféns”.⁷

Os monumentos arquitetônicos do poder estão ociosos e vazios e hoje funcionam apenas como bunkers para cúmplices e complacentes. São locais seguros que apresentam apenas vestígios de poder. Como acontece com toda arquitetura monumental, silenciam a resistência e a indignação por meio de sinais de resolução, continuidade, consumismo e nostalgia. Esses lugares podem ser ocupados, mas fazê-lo não perturba o fluxo nômade.⁸

O CAE cria o conceito de bunker como sendo um ponto no qual o poder se estrutura, logo, como sendo o lugar – ou o não lugar - que deve ser combatido. Podem ser bunkers tanto físicos quanto imateriais, como no caso do ciberespaço. Os bunkers físicos hoje são espaços públicos privatizados, são instituições marcadas pela burocracia, hierarquia e que desempenham diversas funções, tais como: continuidade política (serviços públicos), centros de consumo (*shoppings centers*), espetáculos que tentam “colonizar a residência particular”⁹ e transformar a vida do espectador numa vida alienante (meios de comunicação de massa) e até mesmo bunkers globais (*McDonald's*). Essa contestação nos espaços urbanos, essas interferências nos espaços públicos seriam de pouca validade porque, como já afirmamos anteriormente, o poder

⁵ In: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=133&secao=espaco>

⁶ “Eletronic Civil Desobedience is a nonviolent activity by its very nature, since the oppositional forces never physically confront one another (...) Eletronic Civil Desobedience is Civil Desobedience reinvigorated. What Civil Disobedience once was, Eletronic Civil Desobedience is now.” Cf: *Critical Art Ensemble*. In: <http://www.critical-art.net/books/ecd/ecd2.pdf>

⁷ Cf: CAE, Poder nômade e resistência cultural. In: www.virose.pt/vector/periferia/critical_pt.html

⁸ Idem

⁹ Idem

não é facilmente localizável por possuir uma estrutura difusa e rizomática. Enfim, os bunkers são as formas nas quais o poder se institucionaliza, se territorializa.

O poder nômade lançou o pânico nas ruas com as suas mitologias de subversão política, deterioração econômica e infecção biológica, as quais, por sua vez, produzem uma ideologia de fortaleza, e logo, a necessidade de bunkers. Agora é preciso levar o pânico para dentro do bunker, perturbando desse modo a ilusão de segurança e não deixando qualquer hipótese de esconderijo. O incitamento ao pânico em todos os sítios (sites) é a aposta pós-moderna.¹⁰

Para o CAE, existiriam dois modelos de contestação que visam ao distúrbio dos bunkers. O primeiro é um modelo sedentário de contestação, que se baseia na agitação coletiva dos espaços públicos, no ataque aos centros de poder e na tomada das ruas. No entanto, estas seriam ações de pouca relevância. Já a segunda forma de contestação é a resistência nômade, caracterizada por ações efêmeras, autonomia individual, ausência de uma liderança no movimento, troca de habilidades técnicas e convergência e articulação das ações em rede.

A resistência nômade é orgânica e se dá mediante os agenciamentos entre os diversos nós que compõem o sistema. Na realidade, é uma aposta no potencial subversivo da própria rede e sua possibilidade de vínculo entre uma pluralidade de discursos, interesses e vozes. Nas palavras do CAE, “O poder nômade criou seu próprio castigo, sua própria imagem¹¹”.

3 – O potencial subversivo das redes:

Ao investigar a topologia das redes, Antoun¹² verifica na utilização desta potencialidade subversiva duas características fundamentais: a primeira é o reconhecimento da rede como uma realidade política contemporânea. E depois, a própria rede se torna um espaço para expressão política, que vai além da democracia representativa, possibilitando o surgimento de novos atores sociais.

O *Critical Art Ensemble* também verifica na estrutura rizomática do ciberespaço um princípio básico: uma forma de se “alcançar a autonomia ocultando-se da autoridade social. Tal como nas sociedades de bandos, cuja cultura não pode ser atingida porque

¹⁰ Idem

¹¹ Tradução nossa. Cf. CAE : “Nomadic power has created its own nemesis – its own image.” In: <http://www.critical-art.net/books/ecd/ecd2.pdf>

¹² Cf. ANTOUN, Henrique. Democracia, multidão e guerra no ciberespaço. In: PARENTE, André. *Tramas da rede*. 2004.

não pode ser localizada, a liberdade de todos o que participam no projeto é intensificada.”.¹³ Essa autonomia deve ser entendida como uma ação singular. No entender do CAE, seria até suspeito um hacker afirmar que age em nome dos povos. Não há uma grande liderança e o desafio é construir estratégias que façam convergir todo o pluralismo que se encontra na rede. “A questão é: revolucionário por que causa?”¹⁴

As ações em rede podem conduzir a um comportamento emergente, ou seja, a formação de um sistema auto-organizado, sem a presença de um líder, um controle centralizado ou uma causa maior que coordenasse essas ações. Esse comportamento complexo pode ser entendido partindo do princípio que são formados numa lógica de sistema *bottom up*, ou seja, a partir da interação dinâmica entre diversos agentes locais, com regras específicas, cujas ações coletivas produzem um comportamento global. Johnson aborda essa questão da dinâmica das redes, percebendo um impacto macro das interações micro:

Os protestos em Seattle em 1999 se caracterizaram por uma extraordinária forma de organização distribuída: grupos de afinidades menores, representando causas específicas – críticos anti-Nike, anarquistas, ambientalistas radicais, sindicalistas (...) e se você está tentando lutar contra uma rede distribuída como o capitalismo global, é melhor mesmo se tornar uma rede distribuída.¹⁵

Essa tendência democrática, porque participativa e interativa, implícita na noção de rede, nos leva a uma perspectiva de inclusão a esse novo corpo político. Para tanto, devem-se articular o conhecimento técnico hacker com o espírito contestador, ou seja, a melhor forma de perturbar o poder do capitalismo contemporâneo é o agenciamento entre o hacker e o ativismo político.

Para ser efetivo, a cisma entre conhecimento e habilidade técnica deve ser ignorada. Um compartilhamento da perspectiva política deve ser articulado por ambas as partes, uma vez que todos são interdependentes e necessitam um do outro (...). Ativistas, teóricos, artistas, hacker, e talvez advogados, seriam uma boa combinação de talentos – conhecimento e prática devem ser misturados¹⁶

¹³ Cf. CAE Poder nômade e resistência cultural. In: www.virose.pt/vector/periferia/critical_pt.html

¹⁴ Tradução nossa: Cf. CAE: “The question is, revolutionary for what cause?” In: <http://www.critical-art.net/books/ecd/ecd2.pdf>

¹⁵ Cf. JOHNSON, Steven. In: *Emergência*, 2003, pág. 168,169.

¹⁶ Tradução nossa : Cf. CAE.: “To be effective, the schism between knowledge and technical ability in the cell must be closed. A shared political perspective should be the glue that binds the parts, rather than interdependence through need. (...). Activist, theorist, artist, hacker, and even a lawyer would be a good combination of talents—knowledge and practice should mix” In: <http://www.critical-art.net/books/ecd/ecd2.pdf>

Nesse sentido, podemos falar que a ausência de uma aliança efetiva entre o hacker e o ativista político eletrônico dificulta uma ação significativa. Para que o contrapoder possa se organizar é necessário que o conhecimento hacker seja socializado. E que haja também, por parte do ativista político, o recrutamento e o treinamento de pessoas dispostas a contestar a ordem vigente.

Numa crítica às reminiscências do movimento de esquerda dos anos 60, o CAE acredita que embora tenham consciência do que fazem, faltam os meios, pois utilizam as mesmas táticas de agitação utilizadas no passado e ainda procuram um inimigo visível. Ora, basta pensarmos no Brasil, quando nossa operadora telefônica cobra tarifas e serviços que nos foram prestados. De nada adianta contestar, brigar, querer falar com o dono de uma Embratel, por exemplo. Afinal de contas, quem é a Embratel? No máximo, utilizaremos todo o leque de palavrões da língua portuguesa com o pobre atendente de telemarketing.

Todavia, um problema apontado pelo CAE é que os serviços de inteligência dos governos estão buscando criminalizar toda e qualquer ação que cause algum tipo de distúrbio no ciberespaço. Ao colocar num mesmo patamar um criminoso da web, que rouba dinheiro de bancos, e um ativista político, que transgride o processo de marketing de uma grande empresa, a “ciberpolícia” estabelece uma nova paranóia macarthista. Porém, é complicado pensar numa criança de apenas doze anos, que altera os dados de uma poderosa empresa farmacêutica, como um terrorista implacável ou novo Saddam Hussein.

No entanto, o que percebemos com certa frequência, principalmente após os atentados de 11 de setembro, que em nome da defesa nacional, da defesa dos americanos, da defesa da democracia, as liberdades políticas e individuais estão cada vez mais ameaçadas e o que vemos, infelizmente, é o estabelecimento de um Estado de Exceção, que aparece como regra geral, e que busca criminalizar toda e qualquer ação política. Se adotada essa perspectiva reacionária, todos são suspeitos, todos podem ameaçar o poder e a vida e por isso, qualquer ação deve ser vista como criminosa. Praticamente um drama kafkiano.

No dia 11 de maio de 2004, Steve Kurtz, professor associado no Departamento de Arte da Universidade de Nova York, membro fundador e integrante do CAE, enfrentava um grande drama. Este começou assim que acordou de manhã e percebeu que sua mulher morreria durante o sono, vítima de ataque cardíaco. Como se não bastasse, depois de chamar a polícia para comunicar a tragédia, foi preso.

A polícia chegou e, doente com a política de Guerra ao Terror, decidiu que os materiais artísticos eram armas biológicas, e que Kurtz estava planejando um ataque terrorista. Sua produção artística apresenta uma visão crítica da biotecnologia. Mesmo que argumentasse que seus instrumentos não tivessem nada a ver com o terrorismo, e sim, com as atividades performáticas do CAE, Kurtz foi intimado a se explicar. Seus computadores, manuscritos e materiais artísticos foram confiscados, o quartelão onde fica sua casa foi isolado e declarado "área de risco" e até mesmo o corpo de sua mulher foi retido para análise.

As penalidades aos ataques eletrônicos são proporcionais aos que eram feitos nos espaços urbanos quando estes eram o centro do poder. O CAE acredita que nessa perspectiva de criminalizar todos aqueles que utilizam taticamente o ciberespaço, nos aproxime de uma guerra virtual, ou como nos diz Antoun, o estabelecimento de redes de guerra:

A globalização transformou a informação em uma arma e o estado, global ou local, está sempre envolto, pós-modernamente, nas guerras de informação. (...) Vivemos em guerra permanente – mesmo os negócios tornaram-se operações especializadas de guerra – e as armas usadas a maior parte do tempo são as notícias que os jornais, rádios, televisões e revistas despejam sobre as populações em seu bombardeio incessante aliadas à capacidade de comunicação, controle e comando do ciberespaço.(...) A comunidade virtual é uma rede de guerra lutando contra os estados global e locais, mas seu combate se desenvolve através de sua própria construção como um modo surpreendente de inventar valores e práticas democráticas no seu interior¹⁷

O CAE acredita, no entanto, que a melhor forma de se construir um discurso crítico, que vise ao distúrbio dos “bunkers”, é associar o ativismo político aos movimentos de vanguarda artística. Para o *Critical Art Ensemble* o agitador cultural, dispondo de todas as linguagens multicódigos possíveis – incluindo o conhecimento hacker – pode, permanentemente, lutar contra o autoritarismo. É a arte com uma forte carga política.

Dentro da proposta de contestação do *Critical Art Ensemble* se o poder busca criminalizar de todas as formas as ações no ciberespaço é porque o poder se encontra no ciberespaço e é no ciberespaço que o poder pode ser desestabilizado. Este é, talvez, o ponto mais questionável da proposta do CAE, mesmo porque eles se contradizem na

¹⁷ Cf. ANTOUN, Henrique. Democracia, multidão e guerra no ciberespaço. In: PARENTE, André. Tramas da rede. 2004. pág 231-232.

prática, pois suas maiores ações se dão através de intervenções artísticas nos espaços públicos, nos bunkers urbanos e utilizam as mais variadas formas de mídias táticas para uma ação contestadora.

As táticas do CAE para essa desestabilização dos bunkers são as mais variadas. Incluem propagandas contestatórias veiculadas nos diversos meios de comunicação, produções audiovisuais e, principalmente ações e elementos performáticos que causem, no mínimo, estranhamento nas pessoas. Para o CAE, a melhor forma de contestação é a utilização de mídias táticas. O que revela uma grande contradição nas ações do movimento.

Mídia tática é um conceito alternativo de mídia surgido na década de 90, a partir dos ativismos nos EUA e Europa. A base do conceito mídia tática é “um uso diferenciado das potencialidades midiáticas tornado possível graças à crescente acessibilidade dos materiais e equipamentos de mídia”¹⁸. Além, é claro, da filosofia do “faça você mesmo” (“*Do it yourself*”) – os integrantes do Centro de Mídia Independente entendem essa perspectiva quando afirmam: Seja a mídia! Por isso, faz-se necessário despertar a sensibilidade política crítica por parte dos novos atores sociais.

A mídia tática abrange um vasto campo de produção, que vai da reutilização das mídias tradicionais como tv, rádio, vídeo e meio impresso a web sites, produção de softwares (normalmente open source) e todo tipo de mídia eletrônica, incluindo igualmente, se for o caso, teatro de rua, djs e performance. A produção (seja ela caseira ou mais sofisticada) e os suportes variam de acordo com a mídia e o objetivo visado.¹⁹

4 – Considerações finais:

O *Critical Art Ensemble* é influenciado diretamente pelos movimentos artísticos de vanguarda do início do século XX mas, também, pelo movimento situacionista dos anos 60, que através de manifestos e ações urbanas, defendiam uma produção artística coletiva e anônima. Essa influência dos situacionistas são percebidas na medida em que, através de performances, intervenções artísticas, o CAE, propõe que a partir do estranhamento a esses processos, as pessoas se questionem sobre o próprio estatuto da arte, da política e da realidade em que vivem.

¹⁸ In: <http://www.midiatatica.org/mtb/midiatatica.htm>

¹⁹ Idem

A partir dessas experiências estéticas multicódigos – teatro, experimentalismos audiovisuais, arte contemporânea, etc - o CAE pretende chamar a atenção e mobilizar todos aqueles interessados em desestabilizar o poder fluxo do capitalismo contemporâneo.

Para os situacionistas, “os artistas - como toda a cultura visível - chegaram a estar completamente separados da sociedade, assim como estão separados entre si pela concorrência” e, nesse sentido, “o papel de situacionista, é, no entanto, uma especialização até o momento de abundância econômica e mental em que todo o mundo chegará a ser "artista", num sentido que os artistas não alcançaram: a construção de sua própria vida.”²⁰

Para quem afirma que apenas no ciberespaço se é possível contestar o capitalismo contemporâneo, uma vez que o poder não se encontra mais nos espaços urbanos, as ações de mídias táticas do CAE soam, no mínimo, como bastante contraditórias. Principalmente porque ações do CAE estão muito próximas das ações situacionistas dos anos 60.

Na verdade, esse discurso talvez tenha que ser repensado. O ciberespaço é uma esfera de reivindicação importante e, de fato, neste espaço virtual pode-se sim, desestabilizar o poder, através de estratégias apontadas anteriormente no texto. Também, a socialização da técnica e conhecimento hacker inaugurariam uma outra etapa do ativismo eletrônico, uma vez que, despertando a crítica política, novas ações de contestação ao sistema poderiam estar incluídos na rede e se configurariam como resistência ao capitalismo. Isso é uma positividade importante no poder nômade, porque inclui novos atores sociais nas teias da rede. Porém, o ciberespaço é uma das muitas ferramentas de mídia tática para o ativismo global.

No entanto, eles mesmos percebem que as cidades representam uma importante experiência de comunicação, capaz de produzir efeitos simbólicos consideráveis. Janice Caiafa, nos diz que a cidade, por sua formação heterogênea, como um espaço constante de produção de alteridade, permite aqueles que a habitam novas experiências, variações de processos subjetivos e singulares, capazes, até mesmo, de produzir novas experiências estéticas, e quem sabe, políticas.

Por outro lado, devemos pensar também, que depois de Duchamp o que seria contestar o estatuto da arte? Será que as performances artísticas, pacíficas, seriam

²⁰ Cf. Manifesto Internacional Situacionista. In: <http://muda.radiolivres.org/manisituac.htm>



capazes de despertar o conflito e chamar a atenção para a problemática da capitaliação do mundo contemporâneo? Em outras palavras: será que hoje pode se falar em arte e política como elemento fundamental da resistência contemporânea ou não seria, quem sabe, nas polêmicas palavras do músico alemão Karlheinz Stockhausen, uma grande performance o atentado de 11 de setembro, como sendo a "maior obra de arte de todos os tempos"?

5 – Referências Bibliográficas:

ANTOUN, Henrique. *Democracia, multidão e guerra no ciberespaço*. In: PARENTE, André. *Tramas da rede*. Ed. Sulinas, Porto Alegre, 2004. Págs.209-239

CAIAFA, Janice. *Produção comunicativa e experiência urbana*, Anais do Intercom 2005, Uerj, Rio de Janeiro, 2005

CRITICAL ART ENSEMBLE. <http://www.critical-art.net/books/eccd>

_____. *Poder nômada e resistência cultural*
http://www.virose.pt/vector/periferia/critical_pt.html

_____. CRITICAL ART ENSEMBLE. <http://www.critical-art.net/books/ted>

HARDT, M. & NEGRI, A. *Império*. Record, São Paulo, 2001.

JOHNSON, Steven. *Emergência*, Jorge Zahar, São Paulo, 2003

Manifesto Internacional Situacionista: <http://muda.radiolivres.org/manisituac.htm>

<http://www.midiatic.org/mtb/midiatic.org.htm>

<http://www.rizoma.net/interna.php?id=133&secao=espaco>